

## O CAMINHO DO ENVELHECER NO CINEMA

CONVERSANDO  
COM A MÍDIA

**A**s reflexões sobre o caminho do envelhecer estão muito presentes para mim! Meus olhos buscam esse tema... Parece que estou em sintonia com a produção cinematográfica que nos tem oferecido nos últimos meses momentos interessantes e ricos sobre o ciclo da vida.

Para citar alguns: *O Exótico Hotel Marigold*, dirigido por John Madden; *E se vivêssemos todos juntos?*, dirigido por Stéphane Robelin e o *Amor*, de Michael Haneke.

Uma sintonia com a sociedade, pois, como disse minha amiga Helena, tornamos-nos um nicho de mercado e as preocupações com o envelhecer e suas consequências para todas as dimensões sociais são motivo e tema de reflexões. Somos um segmento significativo da economia mundial, alimentamos as pesquisas e lançamentos da indústria farmacêutica que trabalha em direção à promessa (claro, muito bem-vinda) de vencer, controlar, aliviar nossas limitações senis... Para cada uma de nossas dificuldades, existe um remédio para nos dar a possibilidade de viver mais... Nosso café da manhã vem acompanhado de pequenas pílulas, que nos prometem ampliar a vivência do tempo. A data de validade está se estendendo... para o bem e para o mal.

Estimulamos o turismo e a indústria do lazer com nossos recursos dirigidos à consciência da utilização do tempo a nosso favor. Viagens para cantos mais misteriosos, que prometem experiências novas e talvez uma pitada de juventude... lembremos o *Exótico Hotel Marigold* que parece tentar, de forma lúdica e divertida, independizar nossa velhice (até que a saúde nos permita) com ares de grupo adolescente. Algo me incomodou nessa narrativa... talvez o que me remeteu ao famoso pensamento positivo dos manuais de autoajuda, com uma capa de sabedoria oriental exótica: se formos flexíveis e aceitarmos as transformações, se nos libertarmos do que perdemos, sem lamentos, acertarmos as dívidas da juventude, poderemos viver de novo como jovens e agora livres. Parece-me definir a velhice com o rótulo de a melhor idade. O que me é profundamente irritante.

Esse filme não tocou meu coração, porém me fez refletir sobre o processo de envelhecer, ou seja, a vivência progressiva da finitude. Penso que a aceitação do tempo se torna mais possível e pacífica quando é vivida dentro de espaços afetivos, solidários, na relação entre iguais e ainda mais quando trazem a dimensão da relação amorosa.

Parece-me que o tempo e o amor, duas divindades que povoam o coração humano desde as primeiras criações míticas, nos ajudam a atravessar os maiores desafios que nos constituem: a finitude e o não ser.

Nossa participação na vitalidade da economia e da ciência estimulou o surgimento de novas especialidades médicas como a gerontologia além de áreas de serviços complementares como a profissão de cuidador de idosos, que está sendo regulamentada, migrando do profissional que prestava serviços gerais na área doméstica para a construção de uma identidade profissional distinta, com cursos especiais de formação.

No entanto, não podemos esquecer que oneramos e incomodamos alguns segmentos como a Saúde Pública, os planos de saúde particulares, que buscam conter nossas despesas, ao mesmo tempo em que gastamos mais para manter-nos vivos...

### SANDRA FEDULLO COLOMBO

Terapeuta Familiar. Co-fundadora do Instituto Sistemas Humanos. Presidente da APTF (1998 – 2000); presidente da ABRATEF (2004 – 2006)

Não posso esquecer quando, aos 50 anos, contratei um profissional para discutir comigo um plano de aposentadoria privada e ele gentilmente observou que o banco que me atenderia faria uma aposta: eu viveria até os 80 anos. Se eu vivesse até os 90, não seria interessante. Rimos muito e eu disse que apostaria no prejuízo desse banco!

Uma clara ambivalência entre a prorrogação da vida e os decorrentes esforços dos segmentos envolvidos nessa jornada. Não podemos esquecer nossas famílias, que nem sempre estão preparadas para essa missão, desejada, idealizada, buscada, mas difícil.

No filme *“E se vivêssemos todos juntos?”*, alguns momentos me apontavam essa ambivalência. Quando o personagem Jean, que lidera uma manifestação política em defesa de moradia para a população de um subúrbio pobre, provoca os policiais com megafone, desautorizando-os e lançando uma garrafa contra um deles, fazendo tudo para chamar atenção sobre sua ação como líder do movimento! A resposta que recebe é de total indiferença como se fosse transparente, como se não existisse! Nem mesmo o policial desacatado sequer o olha, passa por ele e prende o grupo de manifestantes. A frustração de não ser visto, de não ter nenhuma representatividade perante o grupo me pareceu tocante!

A reflexão que me invadiu foi novamente sobre os sinais desse movimento que chamo de ambivalência entre as forças que parecem proteger a subjetividade e aquelas que fortalecem o processo de tornar o sujeito que envelhece, paulatinamente, um objeto.

Como toda ótica é particular e autorreferente... proponho esse recorte, sabendo que é relativo!

Nesse filme também não posso esquecer o olhar de outro personagem, a filha de Albert e Jeanne, um casal super amoroso que está enfrentando os primeiros sinais de despersonalização, através da progressiva perda da memória de Albert. O olhar da filha... impaciente e objetiva ao definir a necessidade de cuidados especiais para o pai e ao separá-lo de seu cachorro de estimação, sem qualquer empatia com seu apego! Separando os afetos das histórias subjetivas o que resta de cada um de nós? O invólucro, o objeto.

A reflexão de Jeanne, quando vai encontrar seu marido, que foi encontrado acidentado na rua e levado de ambulância ao hospital público, traz para mim a perplexidade dessa ambivalência: *“Estranho... pensamos em tudo... fazemos seguro de tudo, da casa, do carro, de vida! Mas não pensamos no que vamos fazer de nossos últimos anos!”*

Este pequeno grupo de amigos, Jeanne e Albert, Jean e Annie e Claude, vai passo a passo lutando contra o que me parece o movimento de despersonalização progressiva. Não é somente a perda da memória que caracteriza a perda da própria história... do passado fragmentando e precioso, mas vejo também a perda da representatividade social, da voz que é ouvida. A morte social que antecede, às vezes em muitos anos, a biológica. Algumas cenas tocantes vão se sucedendo, o personagem que está se dissolvendo em nuvens de esquecimento, progressivamente perdendo suas conexões com o aqui e o agora e cuja filha toma a decisão de doar seu cachorro, enquanto sua esposa se nega a fazer um tratamento contra um câncer, para prolongar a vida, ao mesmo tempo que teme deixá-lo desamparado; o don juan irresistível que perde a potência e a segurança de poder seduzir as mulheres e, após um problema de saúde, é internado pelo filho em um asilo, onde disfarçadamente se mantém fotografando as pessoas em seus momentos de inti-

midade como fez a vida toda como jornalista, lutando para não abrir mão do que sempre foi seu interesse, uma expressão profunda de sua existência: fotografar pessoas e situações cotidianas. Lembro-me, com carinho, da cena em que Jean está lendo jornal em sua casa, à beira do buraco que será uma piscina que Annie está fazendo para atrair a presença dos netos, e comenta com revolta que corre o risco de terminar seus dias preguiçosamente ali, tendo sido um grande ativista político de esquerda... Sentindo a ausência de um espaço social onde sua riqueza pessoal e experiência possam se expressar!

O encanto dessa história é o fato de que, quando qualquer um desses amigos cai em uma armadilha social que os agarra para um pacto de despersonalização, de forma criativa, se organizam para transgredir as interdições sobre a individualidade de cada um e devolver a liberdade de escolha. Driblam a transformação daqueles sujeitos em objetos. A cena na qual recuperam o cachorro de Albert, ou quando se assustam ao visitar Claude no asilo e o sequestram, e a encantadora e idealizada solução de irem viver juntos para que possam unir forças para proteger o espaço existencial, a capacidade de autogestão e a construção de uma rede de proteção frente às fragilidades que a idade vai impondo!

É encantadora a capacidade de devolver o direito ao desejo de viver, de morrer, de fazer sexo, de flertar...

A oposição à aceitação de abrir mão das escolhas de como viver o tempo que cada um tem, o exercício de adiar a finitude, mas também poder encará-la, como na cena em que Jeanne quer encomendar seu caixão, mas não o aceita sóbrio e sem singularidade, porque deseja criar um que comunique quem ela é.

Para mim o filme todo me parece um discurso para que tenhamos coragem de enfrentar uma cultura que nos propõe deixar de ser nós mesmos, abrir mão de nossa subjetividade ao mesmo tempo que nos corrompe com a oferta de muito mais tempo para nos mantermos vivos, desde que estejamos submissos. A oposição à sutil e gradual transformação do sujeito em objeto.

Pensando ainda... me surge o filme *Amor!* Para mim o mais poético e belo, que me encantou de forma especial!

O significado que foi sendo construído para mim ao apreciá-lo duas vezes é o não se deixar aprisionar pelo adiamento obrigatório e ambivalente da finitude. Traz a coragem de levar o orgulho de se manter sujeito, junto com a pessoa amada, até as últimas consequências: a escolha impressionante de preservar a vida ao se abrir mão dela.

Tempo de viver e tempo de morrer: aceitação e protagonismo. A difícil arte de aceitar o ciclo da vida, nascer, viver, morrer, e ajudar a pessoa que se ama a existir em sua dignidade ao deixar de existir... a escolha do momento em que, para que continuemos a ser, devemos partir...

Adoraria poder ser sujeito até o momento de partir... Adoraria poder viver o *Amor* que autoriza a finitude, exatamente para que possa ser preservado. Quando vemos Georges protestar e demitir a enfermeira que trata Anne como uma coisa, um objeto sem alma, quando o vemos libertar o pássaro de seu apartamento, quando percebemos Anne pedir ajuda para sua situação aprisionada, quando vemos Georges se isolar para defendê-la de uma humilhação pelo espetáculo da fragilidade, sentimos que não abrirá mão de seu protagonismo na vida até o final. E, como protagonista, aceitará a finitude. Percebemos seu desejo de subjetivar o ser até o final.

Não serão as vozes das instituições, para as quais podemos ser um peso ou um nicho de oportunidades, que definirão nosso tempo e como vivê-lo, nem mesmo as vozes dos filhos, que, não querendo aceitar o encerramento de um ciclo, ao mesmo tempo se impacientam e provavelmente o desejam.

O desejo e a proposta é que sejam nossas próprias vozes!

Para finalizar, lembrei-me de Gilberto Safra (2004) quando escreve que o ser humano acontece no gesto, experiência de liberdade posicionada entre o ser e o não ser. E diz que para o homem, como ser criador, a questão fundamental não é a morte, mas o fato de não vir a alcançar a possibilidade de ser o que é, o que só acontece pela hospitalidade ofertada ao singular de si mesmo pelos outros homens.

## REFERÊNCIAS

Safra, G. *A pó-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004.